

IDIOMATICIDADE E PREDIÇÃO EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS

IDIOMATICITY AND PREDITION IN ARGUMENTATIVE TEXTS

Julieta Machimuassana Langa¹

Resumo: *Os textos argumentativos redigidos em Português por alunos universitários moçambicanos falantes de Português como língua segunda apresentam-se amiúde fragmentados em frases desligadas entre si. Isso pode acontecer, eventualmente, por não dominarem a forma ou fórmulas de expressão das relações lógicas entre as frases ou ideias ou porque não têm segurança na formulação do tipo de relações lógico-discursivas visadas. A qualquer escrito com estas características falta coesão e coerência, ou seja, a naturalidade ou idiomaticidade que é peculiar ao discurso do falante ou escrevente competente da língua. Os idiomatismos e formações idiomáticas que introduzem funções retóricas num texto tendem a assumir um carácter preditivo. Mas, no discurso escrito de falantes de Português como língua segunda, tais funções podem não se manifestar na forma em que o falante nativo ou quase-nativo esperaria encontrá-las. Neste artigo, analisamos a produção escrita, enquadrada em textos do género opinativo e tipologia argumentativa, procurando elicitá-lo modo como os escreventes põem em prática as regras e os princípios de uso da língua e, em particular, as regras da predição, como contributo à compreensão dos problemas não-gramaticais que se colocam ao uso da língua na escrita.*

Palavras-Chave: *Escrita; Idiomaticidade; Predição.*

Abstract: *Texts written in Portuguese by Mozambican university students to whom Portuguese is a second language are often fragmented in disconnected sentences. This may happen eventually because they do not have the command of the formulas or means of expression of the relationships between sentences or ideas, or perhaps because they have no certainty in formulating the type of logical discursive relations aimed at. To any writing with these characteristics lack cohesion and coherence, being this, the naturalness or idiomaticity that is peculiar to the discourse of the competent speaker or scribe of the language. The idioms and idiomatic forms that introduce rhetorical functions in a text, tend to assume a predictive character. But in the written discourse such functions may not manifest in the way the native or quasi-native speaker would expect to find them. In this article, we analyze the written production of non-native Portuguese-speaking Mozambican university students, framed in texts of the opinionated genre and argumentative typology, seeking to elicit the way in which writers put the rules and principles of language use into practice particularly the rules of prediction, as a contribution to a better understanding of the non-grammatical issues of language use in writing.*

Keywords: *Writing; Idiomaticity; Prediction.*

1 Introdução

O objetivo principal deste artigo consiste em analisar o discurso escrito produzido por alunos universitários moçambicanos em textos da tipologia argumentativa e género opinativo, numa perspectiva macrolinguística (JAMES, 1980) e funcional (HALLIDAY, 1985), procurando compreender a natureza dos problemas e dificuldades de escrita que os alunos encontram no processo de formação. Com estas duas abordagens, é possível resgatar, por um lado, elementos extralinguísticos e interculturais, e, por outro, as unidades linguísticas

¹ Professora Doutora da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Doutoranda em Linguística Aplicada Comunicacional, Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Maputo, Moçambique, e-mail: julietalanga.jl@gmail.com

maiores que a frase ou, em outras palavras, formulações ou formações que incluem aspectos interlinguísticos (cf. LOPES, 2018).

Lopes (2016b, p. 24) usa o termo *formulação* para se referir a “uma realização discursiva como, por exemplo, um idiomatismo ou qualquer outra categoria idiomática. Seria mais ou menos semelhante a dizer ‘estrutura’, só que este é um termo do campo microlinguístico”, como parte de um sistema linguístico-textual, no nível formal da língua. Este conceito evoluiu para *formação* (ou expressão) em Lopes *et al.* (2016) e Lopes (2018), precisamente para dar conta da dimensão macrolinguística, integrando aspectos cognitivos, culturais, funcionais e outros que conferem sentido às unidades linguísticas como parte de um sistema de comunicação, no nível funcional discursivo. Esta noção criada por Lopes (cf. LOPES, 2016b; LOPES *et al.*, 2016, p. 2) no contexto da escola anglo-saxónica da análise do discurso deriva da abordagem ao texto e ao discurso iniciada por Widdowson (1978, p. 3) que se destacou pelo estabelecimento da dicotomia “language usage”/“language”use”, das considerações de Malcom Coulthard (2000) sobre a distinção entre texto e discurso e caracterização do discurso como inserido e emanando de práticas sociais. *Formação* é uma noção eminentemente macrolinguística e, por ser discursiva, está intimamente ligada à abordagem idiomática (cf.: LANGA, 2018, p. 147).

Com o contexto e a situação de comunicação criados, estas duas abordagens concedem ao analista a possibilidade de avaliar o material discursivo sem se limitar a questões gramaticais, de natureza microlinguística, o que permite verificar como é que o aluno escrevente integra o conhecimento do tópico e da estrutura do texto que deve produzir com o tipo de marcadores que assinalam a progressão do seu discurso opinativo-argumentativo. Ao agir desse modo, o analista observa a *performance* do escrevente e avalia a sua fluência e proficiência. A *macrolinguística* refere-se à abordagem do tópico da investigação linguística que pesquisa as unidades da sua organização para além da mera frase (cf. CRYSTAL, 1991)² e, de acordo com James (1980)³, visa proporcionar uma compreensão científica sobre como as pessoas comunicam.

Por seu turno, a *microlinguística* ocupa-se de questões especificamente linguísticas em detalhe e profundidade e descreve qualquer sistema formal de uma determinada língua, dando mais enfoque à forma do que à função (LOPES, 2004a; 2018). As abordagens funcionais

² Original em inglês: “Macrolinguistics, a term used by some linguists, especially in the 1950s, to identify an extremely broad conception of the subject of linguistic enquiry.” (CRYSTAL, 1991, p. 209).

³ Original em inglês: “Macrolinguistics is what Yngve (1975) calls ‘broad’ or ‘human’ linguistics, the goal of which he defines as “to achieve a scientific understanding of how people communicate” (JAMES, 1980, p. 100-3).

providenciam os instrumentos de explanação das possibilidades de escolha ou preferência por certas construções ou preferências em certos contextos e situações de comunicação. Por isso, muitas vezes, os escreventes produzem textos que, em termos formais, observam as regras da língua, mas são inadequados na maneira como usam a língua, situação que pode ser avaliada no âmbito da teoria das infelicidades e nas perspectivas interlinguísticas e interculturais.

O estudo de Lopes (1986) é pioneiro no uso da dimensão discursiva da análise contrastiva, que designou de “Discourse Contrastive Analysis”, isto é, Análise Contrastiva do Discurso (DCA), contrastando sistemas discursivos, linguísticos e culturais entre uma língua bantu, o Português e o Inglês. Para compreendermos como é que as unidades gramaticais e lexicais se estruturam para formarem sequências veiculando um determinado significado, a partir do momento em que são usadas por um falante para produzir o efeito pretendido em situações concretas de comunicação e em torno de um tema ou tópico determinado, temos de adotar a posição de Lopes (2018) sobre as noções de Widdowson (1978) relativas às regras de uso formal da língua (*‘language usage’*) e às regras de uso funcional (*‘language use’*), relacionadas com a adequação dos enunciados a determinada situação de comunicação.

2 Enquadramento teórico-metodológico

Os textos selecionados para este artigo foram extraídos de um conjunto de 57 que foram objecto de análise na nossa tese de doutoramento (LANGA, 2017). O corpus dessa tese foi constituído a partir de composições escritas por alunos do Curso de Ensino de Português ministrado na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Nessas composições, os alunos eram solicitados a tecer a sua opinião e produzir argumentos como parte da avaliação escrita do semestre sobre os seguintes temas:

- A. A publicidade dos serviços prestados pelos médicos tradicionais difundida nos jornais e afixada em espaços públicos na cidade de Maputo.
- B. Os fenómenos de tráfico de órgãos humanos e a violação sexual de mulheres e crianças em Moçambique, associados a práticas mágicas.
- C. Acha que na sociedade moçambicana marido e mulher devem partilhar ou dividir as tarefas domésticas entre si?

O processamento dos dados coletados consistiu, em larga medida, na busca de material linguístico, retórico e discursivo relacionado com formações idiomáticas e formulaicas na

produção escrita de textos do gênero opinativo e dissertativo, e tipo argumentativo numa perspectiva discursiva, funcional e macrolinguística. As categorias da predição, no contexto da teoria da predição de Tadros (1985) estão incluídas nesta perspectiva de tratamento dos dados de pesquisa.

As interpretações que fazemos do discurso do outro são possíveis graças aos mecanismos de processamento do discurso percebidos pelas vias sensoriais e transportados pelo contexto linguístico e social, mas, também, determinam a ativação e a predição de interpretações na base do conhecimento acumulado nas estruturas cognitivas sedeadas na memória (BROWN e YULE, 1983). Com esta posição de Brown e Yule, fica patente que qualquer orientação teórica de análise da *performance* ser de base cognitiva, por ser a esse nível que a interação comunicativa entre o escrevente e o seu hipotético leitor é analisada, tendo em conta que o fim último da interação discursiva é a comunicação. É justamente a esse nível que reside a idiomacidade e a formulaicidade.

2.1 A teoria de Predição de Tadros (1985)

O conceito de predição desenvolvido por Tadros (1985) para avaliar a estruturação do texto escrito, opera no nível da cognição e mobiliza o conhecimento proposicional, referencial e pragmático para o processamento do discurso pelos participantes na interação. A teoria aborda o texto escrito numa perspectiva essencialmente interativa, uma posição que aproxima o discurso escrito do oral.

As categorias da predição são estabelecidas considerando-se que “num texto escrito há certos sinais que predizem a ocorrência de eventos linguísticos específicos” (TADROS, 1985, p. 5) e que podem ser classificados em seis categorias: (i) *Enumeração* é uma categoria da predição na qual o núcleo do membro V transporta o sinal que compele o escrevente a enumerar, e isso significa que o núcleo do membro V prediz mais do que um membro D; (ii) “*Advance Labelling*” designa a categoria da predição em que o escrevente rotula e, portanto, obriga-se a realizar um ato de discurso. Assim, se o escrevente diz que “vamos definir”, ele obriga-se a realizar, a concretizar um ato de definir. Se disser “isto será ilustrado no diagrama da página 2”, obriga-se a apresentar um diagrama; (iii) *Discurso Relatado* (“*Reporting*”) é a categoria cujo pressuposto básico é que um escrevente está pessoalmente comprometido com as opiniões e ideias do seu texto, já que não se desliga ou se distancia das proposições encaixadas expressas. Qualquer distanciamento prediz uma futura avaliação do conteúdo proposicional; (iv) *Recapitulação* em referência ao membro que faz a predição através da

recuperação de informação de um lugar anterior no texto. Para evitar que a nova informação flutue, o escrevente providencia a sua fixação e predição através da recapitulação; (v) *Hipoteticalidade* é uma categoria baseada na noção de distanciamento autoral, só que, no caso vertente, o autor desliga-se do mundo real, cria um mundo hipotético no qual ele não se compromete com os dados factuais que não estejam em consonância com o assunto em causa. Ao fazer afirmações hipotéticas, ele simplifica com vista a fazer generalizações. Em outras palavras, o mundo hipotético dá conta das generalizações com antecedência, sendo que a generalização se apresenta como uma reafirmação das declarações hipotéticas; e (vi) *Interrogação* é a categoria da predição baseada no pressuposto subjacente ao afastamento do escrevente. O escrevente afasta-se da resolução da disjunção das proposições colocadas pela pergunta que ele faz. O afastamento prediz que ele estará envolvido em algum momento, ao longo do texto, ao declarar o seu conhecimento em relação à pergunta. Assim, o membro D desta categoria constitui uma avaliação, no sentido mais geral.

2.2 Categorias de análise de Lopes, em Lopes *et al.* (2016)

Nos seus estudos sobre a idiomaticidade na perspectiva plurilingue e pluricultural de Moçambique, tem vindo a desenvolver reflexões teóricas e aplicadas sobre os usos linguísticos, por um lado, e a elaborar léxicos de usos idiomáticos, entre outras intervenções científicas na área da Linguística Aplicada, com enfoque na idiomaticidade. Como corolário destas reflexões, os estudos sobre a idiomaticidade desenvolvidos em Lopes (2016b; 2015a; 2014b) e Lopes *et al.* (2016) estabelecem a estrutura retórica de textos, e as categorias de análise orientadas para três vectores, nomeadamente, a idiomaticidade, a co-ocorrência e a formulaicidade.

Estas categorias, por sua vez, são desdobradas em subcategorias que permitem dar conta da estrutura retórica de textos, como também de formações proverbiais e afins; idiomáticas, formulaicas e de co-ocorrências, etc. (cf.: LANGA, 2017, p. 58-62).

3 A predição como integrante da estrutura retórica e suporte à interação discursiva

Os textos que analisaremos a seguir (ver anexos) foram seleccionados na perspectiva de nos levarem a tirar conclusões úteis sobre como os nossos sujeitos, em geral, organizam o seu discurso e, em particular, como lidam com as categorias da predição. A análise é sequencial, ou seja, as questões, constatações, e observações são feitas à medida que vamos

avançando na leitura dos textos. A predição é vista, aqui, como recurso que imprime idiomaticidade e revelador da capacidade de esruturação do discurso, no contexto da formulação de opinião e argumentos sobre um tema dado, sem excluir todos os outros elementos que envolvem o discurso dos sujeitos em cada um dos três textos.

Por lidarem com temáticas diferentes, não procuramos comparar a *performance* dos escreventes, mas podemos ter uma indicação dos pontos fortes e pontos fracos dos alunos da Universidade Eduardo Mondlane em matéria de produção do discurso escrito.

3.1 A operação das regras de enumeração e da recapitulação

O primeiro texto, intitulado *Tráfico de pessoas e órgãos humanos*, é bastante ilustrativo em matéria de categorias de predição. Começa com uma definição formal (cf. Trimble, 1985:75-7) do conceito de tráfico que o escrevente fez coincidir com a introdução, ocupando o primeiro parágrafo. Esta primeira unidade discursiva encerra com a tese que norteia o discurso no seu todo, o último segmento deste parágrafo.

O texto contém muitos problemas de coesão textual, o que afecta a coerência textual e discursiva. No exemplo que se segue, extraído do primeiro parágrafo, encontramos dois períodos muito curtos, começando ambos com a forma *este* que possui o mesmo referente. Esta situação reflecte a incapacidade de relacionar logicamente as duas ideias e de fundi-las num só período.

O tráfico refere-se a qualquer actividade ilícita, proibida pela lei, mas desenvolvida com o propósito de obtenção de dinheiro ou lucros (Peti:2012). Este fenómeno é frequente na actualidade e constitui um grande negócio. Este acto apesar de ser ilícito, constitui um bem para a sociedade.

O segundo parágrafo compreende quatro períodos, sendo três introduzidos por *este* ou suas variações em género e número, uma repetição que não traz nenhum contributo retórico. Pelo contrário, prejudica a coesão textual, dificulta o processo de busca dos referentes e constitui um problema, uma vez que não traz coesão entre as frases.

O escrevente usa um tipo de repetição, que se manifesta em fórmulas sinalizando funções discursivas, nem sempre bem realizadas. Por exemplo, em alguns casos, os enunciados que se seguem cumprem a rotina sinalizada, mas nos que seleccionamos abaixo, o leitor não pode adivinhar qual é o referente específico a que essas rotinas nos levam.

No segundo, terceiro e quarto parágrafos, desenvolvem-se argumentos tendentes a demonstrar a tese de que, *apesar de ser ilícito* [o tráfico de pessoas e órgãos humanos], *constitui um bem para a sociedade*.

Cada argumento é introduzido por técnicas retóricas representadas por sinais de predição, vinculando o escrevente a realizar o seu discurso de modo a se coadunar, funcionalmente, com as categorias da enumeração (cf. TADROS, 1985:2, 5-6) e a ser consistente com as unidades ou segmentos discursivos destacados, segundo os padrões de ordem de importância que confere às informações integrantes do desenvolvimento do texto (TRIMBLE, 1985:11, 52-7). Os argumentos em defesa da tese expõem, com evidências as vantagens do tráfico de pessoas e de órgãos humanos, sendo introduzidos por formações que dão o tom da respectiva função discursiva:

Em primeiro lugar, o tráfico de pessoas e órgãos humanos diminui a pobreza. Neste contexto... (2º parágrafo)

Em segundo lugar, o tráfico diminui o desemprego. Neste caso... (3º parágrafo)

Por último, o tráfico enriquece a sociedade. Neste contexto... (4º parágrafo)

Relativamente ao que se disse ... (4º parágrafo).

Note-se que a seguir a cada uma das afirmações, o escrevente retoma o seu discurso usando as fórmulas *neste contexto* e *neste caso* como meros clichés-redundantes. Estes elementos, segundo Lopes *et al.* (2016), funcionam como elementos preenchedores do enunciado, sem nenhum significado especial. Do ponto de vista pragmático, estas fórmulas constituem metadiscorso desnecessário (Coughlin e Langa, 1997:3-7, [1994]). Por isso, ao serem usadas deste modo, não observam o princípio da economia e a máxima da redução (Leech, 1983:15-7, 67).

... um país, por mais que seja desenvolvido sempre terá registo de índices desemprego

... assiste-se a todo momento, os problemas relacionados com a crise económica mundial

O escrevente procurou usar formações que, sem constituírem idiomatismos, são formações formulaicas que falharam. Para sê-lo plenamente, o trecho deveria obedecer ao princípio da convencionalização, selecionando e ordenando as palavras de acordo com a

combinação que seria aceitável e preferida pelos falantes nativos (cf.: ERMAN e WARREN, 2000:31; WULFF, 2008:2).

A formulação correcta dos segmentos relevantes nos exemplos a seguir passa por conferir uma ordem às palavras para exprimir o significado pretendido: *por mais desenvolvido que seja*. No segundo exemplo, a questão tem também a ver com a combinação a que o escrevente procedeu para tentar expressar o significado de algo que ocorre permanentemente. A formação *a todo o momento* transmite o significado de expectativa de uma ocorrência, pelo que o verbo deveria estar dentro deste campo de sentido de espera/expectativa: ... *espera-se a todo o momento*.

Uma vez terminada a colocação dos argumentos, verificamos que em vários momentos do texto, particularmente no quarto parágrafo, o escrevente tenta relacionar a informação que está para trazer ao texto com a já presente, através de técnicas retóricas (que são, neste caso, também de predição) de recapitulação, mas não conseguiu referenciar a informação que era de recuperar com essa técnica retórica (cf. TADROS, 1985:5). Esta situação cria uma anomalia discursiva por não haver equilíbrio entre a informação velha e a informação nova. A técnica de recapitulação torna-se quase nula. Vejamos os exemplos a seguir:

No 4º parágrafo:

Relativamente ao que se disse, a obtenção de maiores lucros...

Para consubstanciar o que foi referido

No 5º parágrafo:

Contrariamente ao que se disse, para consubstanciar o que se disse

3.2 A operação das regras de exemplificação/explicação, interrogação e hipotencialidades

O segundo texto não tem título, mas faz parte do conjunto de textos que discutem se deve haver tarefas domésticas especificamente destinadas às mulheres ou aos homens, ou se marido e mulher devem partilhar as tarefas domésticas.

Apesar de não ter seguido rigorosamente os passos formais, o escrevente produziu um texto que se enquadra no gênero opinativo e no tipo argumentativo e serve-se de elementos da predição para estruturar o seu pensamento e influenciar o interlocutor. No texto, as ideias fluem com aparente naturalidade e clareza, contudo, o discurso apresentado é eminentemente

oral em variados prismas. Primeiro, a fórmula que inicia o texto, *acho sim*, é típica de uma interação oral e nota-se que o discurso foi elaborado considerando que os leitores estão presentes no ambiente ou cenário de comunicação e que conhecem o contexto e os elementos da situação. Estes pressupostos do escrevente são ilustrados pela ausência de elementos discursivo-textuais de enquadramento do texto ao nível do que parece ser a tese:

Acredito que apesar de não estar patente na Constituição da República de Moçambique a Partilha de tarefas entre um casal, a verdade é que a necessidade impera desse aspecto, para o mundo contemporâneo.

A tese, que estaria no segundo membro do segmento sublinhado, acima, ficou oculta na formulação abstrata. Quanto ao tamanho, apesar de muito curto, um parágrafo de oito linhas, exprime uma opinião com argumentos suficientes para sustentar o seu ponto de vista. Ele começa por fazer uma declaração, numa linguagem pouco comum, para dizer que, atualmente, a partilha de tarefas num casal é uma necessidade: ... *a verdade é que a necessidade impera desse aspecto*....

Em seguida, desenvolve a sua tese usando a técnica retórica da exemplificação/explicação: *vamos supor que*.... Colocado o ponto, avança com a técnica da interrogação e usa a pergunta retórica, ... *o marido pode ou não a ajudar?* como pretexto para reafirmar a sua tese e abrir espaço para a conclusão, introduzindo o tom de aconselhamento aos casais. O discurso contém marcas explícitas de oralidade: *Acho sim* e, além disso, apresenta sequências estranhas, primeiro por causa da anomalia que se percebe no contexto e, segundo, na seleção lexical inadequada que resultou:

(i) na sequência sem sentido:

... a necessidade impera desse aspecto

em que o significado e a função do termo *impear* não são familiares, num contexto dominado por termos abstratos e sem referentes claros. Por exemplo, o leitor não alcança o sentido da formação acima, porque não encontra os referentes de *necessidade* e de *desse aspecto*. Segundo o Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa (1949), os sinónimos desta palavra são “dominar, predominar, governar, reinar, senhorear, influir, soberanizar, preceituar, decretar, determinar, estabelecer”;

(ii) em sequências que se afastam da maneira habitual, mas produzem uma co-ocorrência gêmea:

... ausências frequentes e chegadas tardias...

O escrevente usou a interrogação indirecta para constituir uma pergunta retórica não-assinalada graficamente, produzindo enunciados em forma de hipóteses (ver categoria da hipoteticalidade, acima) conforme proposto na teoria da predição de Tadros (1985), no fim, tal associação resulta em afirmações indirectas.

Embora a pergunta retórica que consubstancia a categoria da interrogação na teoria de Tadros (1985), não requeira resposta, as perguntas e as respostas retóricas que o escrevente providencia ao leitor consubstanciam estratégias discursivas enquanto técnicas retóricas e são uma maneira bem adequada de colocar os argumentos, ao mesmo tempo que lançam a ponte para a conclusão:

O marido pode ou não ajudá-la [a ajudar]? Para mim, pode e deve, porque afinal de contas, o benefício daquela função é para ambos.

Mesmo sem usar expressões ou sintagmas formulaicos ritualizados, a esta pergunta sobrepõe-se a função de muleta retórica, uma vez que contribui para a manutenção da interação. O escrevente poderia, muito bem, ter processado a formação acima sem recorrer à pergunta, mas preferiu usar uma formação retórico-discursiva que melhor conferisse idiomaticidade e que destacasse melhor o seu argumento (LOPES *et al.*, 2016).

3.3 Falhas no uso de regras de predição e formações idiomáticas

O escrevente do terceiro texto produziu um texto que tende mais para a tipologia dissertativa do que argumentativa. O texto está organizado em três parágrafos. O primeiro que seria tipicamente a introdução, e subdivide-se em dois segmentos:

Na sociedade Moçambicana, para falar da divisão ou partilha de tarefas domésticas entre marido e mulher, primeiro diria que é preciso olhar e analisar o comportamento de cada uma das partes. Embora haja na actualidade aquilo que chamamos de igualdade de direitos, na realidade não é o que acontece em toda sociedade moçambicana.

Tanto no primeiro, como no segundo segmentos, nota-se que o escrevente teve dificuldade em dar forma ao conteúdo que tinha em mente, o que leva o leitor a investir um grande esforço de processamento. No primeiro segmento é notável a ordem incorrecta dos

elementos da frase, a fragmentação e a ausência de uma ligação lógica entre essas frases. A finalidade, expressa pela formação ... *para falar da divisão ou partilha...*, que deveria ser o padrão dominante, é ofuscada pela topicalização de *na sociedade moçambicana*, paralelamente ao uso de metadiscorso desnecessário e da adição baseada numa repetição: *olhar e analisar*, que funciona como uma muleta retórica. Além disso, faz uso da predição da ocorrência de uma enumeração, mas, depois de afirmar que ... *primeiro diria que...*, não volta a anunciar e não realiza a ordem subsequente.

O segundo segmento inicia com o marcador discursivo *embora* que deveria relacionar, por contraste, as duas ideias concessivas, mas o escrevente falhou, tanto em termos linguísticos, como discursivos. Neste segmento, o escrevente quis fazer uma afirmação que expressa a tese, mas falhou porque as frases em que se sustenta não fazem sentido e, em termos lógicos e linguísticos, não se descortinam os respectivos referentes.

O segundo parágrafo é introduzido por uma rotina conversacional que tem caráter de metadiscorso desnecessário, ao qual se sobrepõe a função de muleta retórica ou de preenchedor de discurso. O conteúdo geral não acrescenta nenhum valor que o possa distinguir do anterior na organização na estrutura de qualquer texto, em geral, e no opinativo em particular. Queremos dizer que, em termos conceituais, este parágrafo é integrante da introdução:

Comecemos por dizer que nesta sociedade, apesar da emancipação da mulher e do esforço que este ser do sexo feminino tem empenhado para o desenvolvimento do país assim como das famílias, existem certas pessoas ou etnias que, baseando-se nas suas tradições, não aceitam que a mulher tenha os mesmos direitos do homem e muito menos a partilha ou divisão das tarefas domésticas, pois acham que isso é particularmente tarefa da mulher.

Mas, tal como o primeiro, o escrevente não conseguiu utilizar os recursos linguísticos para veicular o seu ponto de vista e pensamentos com sentido, correção, clareza e naturalidade. O terceiro parágrafo, a seguir transcrito,

Com o desenvolvimento e a capacidade que a mulher assim como o homem demostram, num casal, ou seja, entre marido e mulher deve haver uma partilha de tarefas domésticas o que ajuda o casal a ter bom relacionamento e ainda mais a prosperar na sua vida conjugal assim como nas suas actividades do quotidiano. Muito dos homens que não aceitam a partilha das tarefas são aqueles que apresentam complexo.

também vem demonstrar a incapacidade do escrevente de manejar as regras de uso formal ('language usage'), isto é, regras relacionadas com a gramaticalidade das frases e com a

habilidade do falante ou escrevente em não violar regras de organização textual, e também regras de uso funcional ('language use'). Ou seja, regras que indicam que enunciados são apropriados a uma determinada situação comunicativa, na verdade, transmitindo o que o falante ou escrevente pretende (LOPES *et al.*, 2016). Os erros e anomalias que o texto 3 contém, incluindo de organização da informação textual, são do tipo intralingue e revelam o nível de desenvolvimento da interlinguagem na mente do seu produtor ou, eventualmente, que fossilizou antes de alcançar níveis de uso da língua iguais ou próximos aos do falante nativo ou quase-nativo.

4 Conclusões

Depois de analisar os três textos, concluímos que o material analisado proporcionou-nos uma compreensão sobre como é que os escreventes destes três textos manejam a idiomaticidade com enfoque nas regras da predição. Ao darmos aos alunos a tarefa de produzir um texto opinativo-argumentativo, conseguimos eliciar não só o conhecimento e uso das regras linguísticas, mas também da estruturação textual e discursiva, de marcadores discursivos e de outros fatores que são fundamentais à interação e à expressão de funções retóricas e discursivas e da visão do mundo.

O nível de naturalidade com que um escrevente formula os pensamentos e as ideias é um indicador do grau de idiomaticidade, fluência e proficiência linguística do seu discurso. Este, por sua vez, está em relação direta com a capacidade de uso das categorias da idiomaticidade, da formulaicidade e da predição em cotextos e contextos sócio-culturais apropriados. Verificámos, pois, que os escreventes do primeiro e do segundo texto, em geral, dominam as regras da língua, sendo por isso que nos respectivos discursos escritos o domínio das regras da predição influencia a progressão textual e revela que alcançaram um grau de idiomaticidade bastante bom.

A análise do terceiro texto fornece evidências de dificuldades de escrita que muitos alunos enfrentam e que não são necessariamente de natureza linguística. Além das dificuldades de organização linguística e discursiva, a presença de sequências formulaicas, idiomáticas e uso de regras da predição falhadas pode ser uma indicação de que ainda há uma distância linguística, cultural e idiomática constatada na performance do escrevente do texto três, que são típicas de falantes não-nativos em processo de consolidação da aprendizagem da língua. Mesmo que as deficiências linguísticas pareçam estar já fossilizadas, acreditamos que com recurso a metodologias apropriadas e informadas pelas características de tipologias

textuais se pode ajudar os alunos a superarem as dificuldades de língua e de comunicação que enfrentam, principalmente na escrita.

Referências

BROWN, G. e YULE, G. **Discourse Analysis**. CUP, Cambridge, 1983

COUGHLIN, P. e LANGA, J. **Claro e Directo**: como escrever um ensaio. Livraria Universitária, Maputo, 1997.

CRYSTAL, D. **A Dictionary of Linguistics and Phonology**. Basil Blackwell, Oxford, 1991.

DICIONÁRIO DE SINÓNIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Tertúlia, Etiel, Lisboa, 1949.

ERMAN, B. e WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. **Text**, 20:1, 29-62. 2000.

HALLIDAY, M. **An Introduction to Functional Grammar**. Edward Arnold, Londres, 1985.

JAMES, C. **Contrastive Analysis**. Longman, Londres, 1980.

LANGA, J. A idiomaticidade e a formulaicidade no discurso escrito em português produzido por alunos universitários moçambicanos. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 31, n.1, p. 145 - 170, jan./abr. 2018.

_____. **Uma abordagem interlinguística e intercultural à linguagem idiomática no discurso escrito em Português redigido por alunos universitários moçambicanos**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada Comunicacional). 2017. 295 f. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2017.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. Longman, Londres 1983.

LOPES, A. J., MABASSO, E.; LANGA, P. **Com todos os Efes e Erres**: para um léxico de usos Idiomáticos-Português-Inglês. UEM, Livraria Universitária, Maputo, 2016.

LOPES, A. J. O Aluno Universitário Moçambicano PL2 e os caminhos da escrita: um trilho seguro vale mais do que os dois que puseram a quizomba a mancar. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 31, n.1, p. 29 - 49, jan./abr. 2018.

_____. Comunicação translinguística e transcultural com enfoque na linguagem idiomática: uma Análise Contrastiva Discursiva entre o Português, Xichangana e Inglês. **Todas as Letras**, v. 18, n. 1, p. 22-36, 2016b.

_____. **Gêneros textuais e tipos textuais**. Texto para o curso de doutorado em ciências da linguagem aplicadas ao ensino de línguas. Universidade Pedagógica, Maputo, 2015a. (Mimeografado).

_____. Língua portuguesa em Moçambique: As timakas e os milandos revisitados. In: BASTOS, N. (org.). **Língua Portuguesa e Lusofonia**. São Paulo: EDUC-PUC-SP, p. 35-51, 2014a.

_____. As missangas da comunicação: Moçambique no espaço ibero-americano. Comunicação plenária convidada. In: II CONGRESSO MUNDIAL DA COMUNICAÇÃO ÍBERO-AMERICANA CONFIBERCOM 2014, Universidade do Minho, Braga, 2014b, p.287-301.

_____. **A batalha das línguas**: perspectivas sobre Linguística Aplicada em Moçambique. Livraria Universitária, UEM, Maputo, 2004a.

_____. **Interlingual discourse transfer**: Mozambican-Portuguese to English. 1986. f. Tese (Doutorado em Linguística). 1986, 275 f. University of Wales, Reino Unido, 1986.

COULTHARD, M. Whose text is this? On the investigation of authorship. P270-288. In: SARANGI, S. e COULTHARD, M. **Discourse and Social Life**. Essex, Longman, 2000.

TADROS. A. **Prediction in Text**. University of Birmingham, Birmingham, 1985.

TRIMBLE, L. **English for Science and Technology**: a discourse approach. Cambridge University Press, Cambridge, 1985.

WIDDOWSON, H.G. **Teaching Language as Communication**. Oxford University Press, Oxford, 1978.

WULFF, S. **Rethinking Idiomaticity**: A Usage-based Approach. Continuum International Books, Londres, 2008.

ANEXOS

Texto 1:

Título: O Tráfico de pessoas e órgãos humanos

O tráfico refere-se a qualquer actividade ilícita, proibida pela lei, mas desenvolvida com o propósito de obtenção de dinheiro ou lucros (Peti: 2012). Este fenómeno é frequente na actualidade e constitui um grande negócio. Este acto apesar de ser ilícito, constitui um bem para a sociedade.

Em primeiro lugar, o tráfico de pessoas e órgãos humanos diminui a pobreza. Neste contexto, os dados estatísticos da pesquisa feita pela “Society MOrder, uma ONG, em 2011, nos EUA, revelam que entre as camadas sociais existentes no mundo, o tráfico de pessoas e órgãos humanos verifica-se mais nos pobres. Este facto é também comprovado pela pesquisa feita no Uganda em 2010, que acrescenta também que este fenómeno coloca, Moçambique, Malawe, Zâmbia, Nigéria e a própria Uganda, nos países com elevado índice de tráfico. Estes carrenciados são aliciados com bens materiais, sobretudo, o dinheiro e ofertas de emprego para países estrangeiros. Eles tornam-se vulneráveis ao tráfico e a sua obtenção e aquisição do seus órgãos contribuiria para a diminuição da pobreza e coloca o mundo com um numero elevado de ricos.

Em segundo lugar, o tráfico diminui o desemprego. Neste caso, um país, por mais que seja desenvolvido sempre terá registo de índices desemprego, embora em menor percentagem. O desemprego estando em todas partes, cria problema graves nos países. Não obstante, assiste-se a todo momento, os problemas relacionados com a crise económica mundial. Esta crise é evidenciada em parte pelo desemprego. Por exemplo, a Grécia encontra-se numa situação de crise aguda, também evidenciada, em parte, por esta problemática do desemprego. Neste âmbito, o tráfico de pessoas e órgãos humanos na Grécia contribuirá para a resolução, em parte, dos problemas.

Por último o tráfico enriquece a sociedade. Neste contexto, sendo uma actividade rentável, conforme afirmam os praticantes, a sua maximização traria benefícios para os países. Relativamente ao que se disse, a obtenção de maiores lucros vai criar condições para a existência de pequenas, médias e grandes empresas. Para consubstanciar o que foi referido, um dos traficantes detido no dia 12 de Outubro, numa esquadra em Uganda, era proprietário de uma empresa de montagem de carros. Nesta indústria empregava cerca de 2037 trabalhadores. Era também, sócio da indústria petrolífera em Angola. Segundo as pesquisas feitas, toda a riqueza foi conseguida graças ao tráfico. Contudo, os impostos pagos por ele pela sua actividade, assim como o salário que pagava aos seus trabalhadores, contribuíam para o enriquecimento do país.

Contrariamente ao que se disse, o tráfico quebra o princípio de confraternidade, que se manifesta pelo amor ao próximo. O homem é um ser social, ou seja, convive com os outros dentro da sociedade. Este convívio tem uma finalidade que é promover a harmonia. Porém, este acto coloca os homens em perseguições e cria desassocego no mundo. Para consubstanciar o que se disse, e posta em causa a confraternidade, postulada pelo cristianismo e pela declaração dos direitos do Homem e do cidadão.

O tráfico, apesar de se afirmar que quebra o princípio de confraternidade é um bem para a sociedade. Este bem manifesta-se pela diminuição dos índices de pobreza, diminuição dos índices do desemprego e pelo enriquecimento da sociedade.

Texto 2:

Sem título

Acho sim.

Acredito que apesar de não estar patente na Constituição da República de Moçambique a Partilha de tarefas entre um casal, a verdade é que a necessidade impera desse aspecto, para o mundo contemporâneo. Vamos supor que a cónjuge é funcionária e exerce um cargo no seu sector de trabalho, pressupondo ausências frequentes e chegadas tardias à casa ao fim das horas normais de expediente. O marido pode ou não ajudá-la? Para mim, pode e deve, porque afinal de contas, o benefício daquela função é para ambos. Chama-se atenção, apenas, que a partilha não traga situações desastrosas entre o casal, isto é, quando o marido não se oferece às tarefas por consciência, não deve ser forçado, seja integrado paulatinamente.

Texto 3:

Sem título

Na sociedade Moçambicana, para falar da divisão ou partilha de tarefas domésticas entre marido e mulher, primeiro diria que é preciso olhar e analisar o comportamento de cada uma das partes. Embora haja na actualidade aquilo que chamamos de igualdade de direitos, na realidade não é o que acontece em toda sociedade moçambicana.

Comecemos por dizer que nesta sociedade, apesar da emancipação da mulher e do esforço que este ser do sexo feminino tem empenhado para o desenvolvimento do país assim como das famílias, existem certas pessoas ou atnias que baseando-se nas usas tradições não aceitam que a mulher tenha os mesmos direitos do homem e muito menos a partilha ou divisão das tarefas domésticas, pois acham que isso é particularmente tarefa da mulher.

Com o desenvolvimento e a capacidade que a mulher assim como o homem demonstram, num casal ou seja entre marido e mulher deve haver uma partilha de tarefas domésticas o que ajuda o casal a ter bom relacionamento e ainda mais a prosperar na sua vida conjugal assim como nas suas actividades do quotidiano. Muito dos homens que não aceitam a partilha das tarefas são aqueles que apresentam complexo.

Data de recebimento: 31 de maio de 2018.

Data de aceite: 25 de julho de 2018.